

REVISTA REDAÇÃO

03/05/2015 - Ed. 16



JOVENS, BEM PREPARADOS E SEM EMPREGO

(CAMILA BRANDALISE, FABÍOLA PEREZ e RAUL MONTENEGRO)

Como a crise e a falta de perspectiva ameaçam a juventude mais escolarizada e capacitada que o País já formou



// Ser líder não é para qualquer um.

Especializada em coaching, Daniela do Lago acredita que o papel de um comandante empresarial é gerar estímulos para que todos tenham motivos para ação. No entanto, ressalta que o único responsável por agir e adotar uma postura adequada na direção de conquistar suas metas é a própria pessoa

// Devemos liberar as armas?

DENIS ROSENFELD e JOSÉ MARIANO BELTRAME discutem sobre projeto de lei e a viabilidade dos cidadãos brasileiros poderem ter um casa em casa para se defenderem

Jovens, bem preparados e sem emprego (CAMILA BRANDALISE, FABÍOLA PEREZ e RAUL MONTENEGRO)

Como a crise e a falta de perspectiva ameaçam a juventude mais escolarizada e capacitada que o País já formou



HÁ SEIS meses, o administrador de empresas Carlos Negri, 27 anos, recebeu a notícia mais temida em tempos de crise: a empresa em que trabalhava faria cortes na equipe. Formado em administração de empresas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e com MBA em Riscos e Compliance, o jovem atuava na área de fiscalização e processos da Companhia Siderúrgica Nacional. Com a recessão, as metas de lucro não foram atingidas e ele foi demitido. Assimilado o revés, Negri começou a procurar emprego em sites especializados e a enviar currículos para empresas. Mesmo com formação exemplar e experiência na área, nenhuma empresa o chamou. Neste ano, teve apenas um retorno, mas a vaga não era compatível com seus anseios e ele decidiu procurar mais um pouco. “Contratei até um consultor para ajudar na minha recolocação profissional”, diz.

O administrador de empresas faz parte de uma geração de jovens com idade entre 16 e 29 anos, competentes e com bom nível de escolaridade, cujo potencial está deixando de ser aproveitado por causa da crise e do conseqüente desemprego que assombra o País. Um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicado na terça-feira 28 mostrou que a falta de trabalho para essa faixa etária saltou de 12,8% para 15,7% de entre março de 2014 e 2015. Mais de 500 mil jovens estão desocupados nas seis principais metrópoles do País. “A América Latina tem neste momento a geração mais bem educada de sua história e a que mais sofre com as condições irregulares do mercado”, afirma Elizabeth Tinoco, diretora da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para América Latina e Caribe, referindo-se à dificuldade de encontrar vagas e à conseqüente opção pela informalidade. “O desemprego juvenil é elevado, mas é a ponta do iceberg do problema da falta de oportunidades para os iniciantes na vida profissional.”

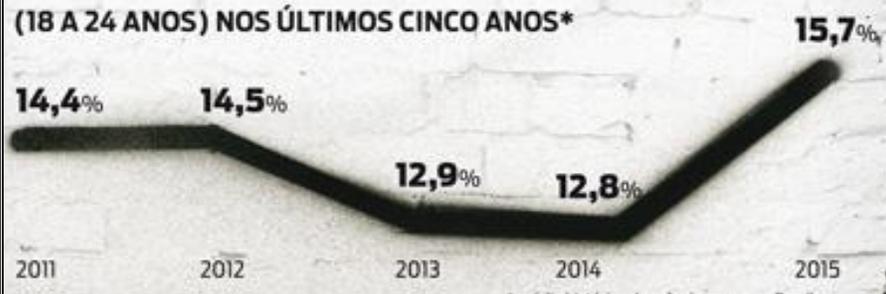


Carlos Negri, 27 anos

Formado em Administração de Empresas, com MBA em Riscos e Compliance
Em busca de emprego há seis meses

Evolução da taxa de desemprego entre jovens

(18 A 24 ANOS) NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS*



* média histórica do mês de março no Brasil





A situação do jovem na América Latina e no Caribe

Milhões na faixa etária de 18 a 24 anos trabalham na informalidade

27 milhões de jovens trabalham em condições irregulares

60% dos postos de trabalho disponíveis têm condições de informalidade

56 milhões de jovens possuem emprego ou procuram emprego de forma ativa

13,3% é a taxa de desemprego entre jovens latino-americanos e caribenhos

7 milhões de jovens não conseguem emprego, o que equivale a 40% do total de desocupados na região

32% dos jovens que trabalham em empresas formais sofrem com alguma irregularidade

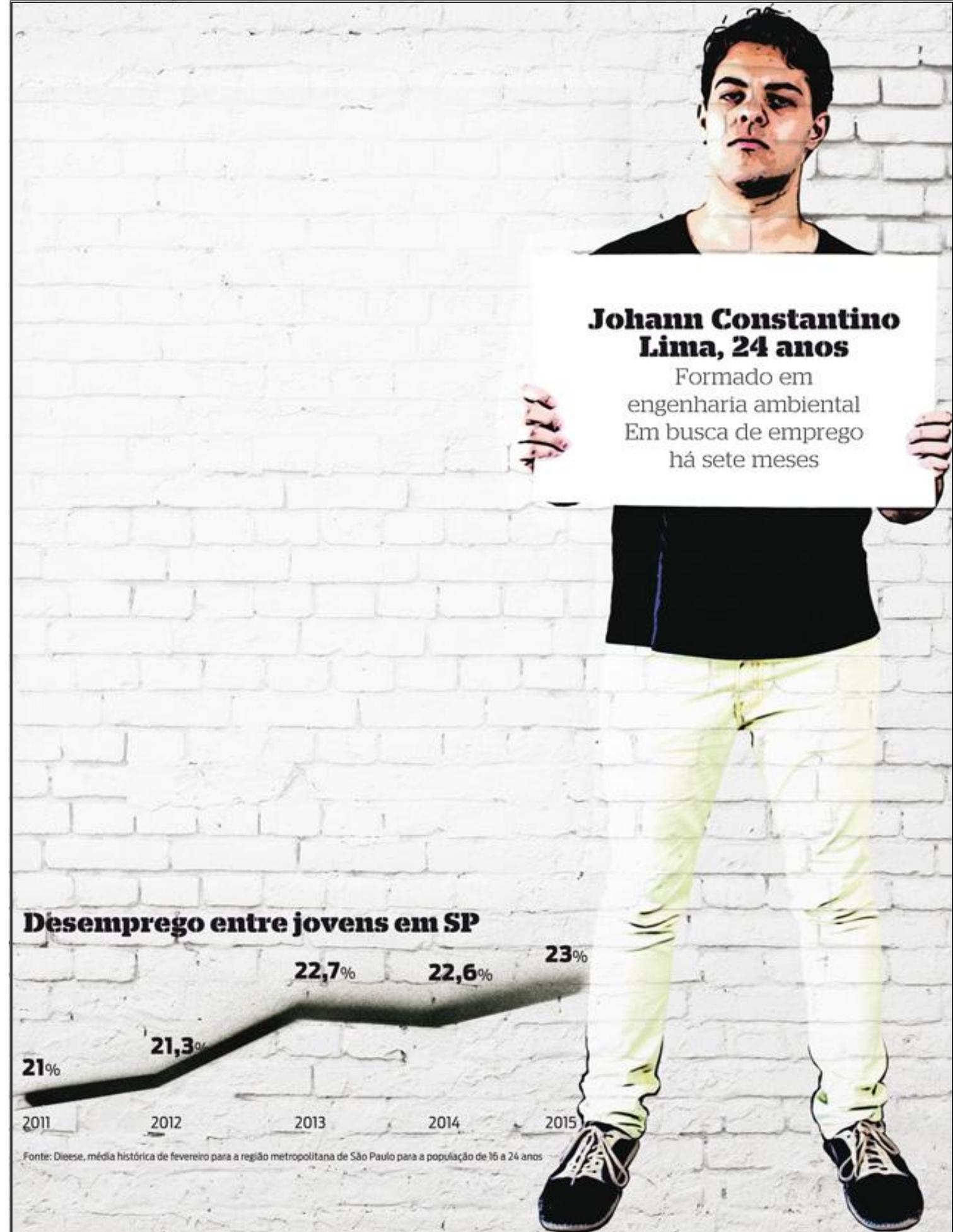
20 milhões de jovens na região não trabalham nem estudam

Fonte: Organização Internacional do Trabalho

Neste Dia do Trabalho, comemorado em 1º de maio, os brasileiros não tiveram muito o que celebrar. Segundo o IBGE, aumentou também a taxa geral de desemprego, chegando a 6,2%, maior percentual desde maio de 2011. A crise, claro, é o principal vilão dessa conjuntura. E a população jovem é a que primeiro sente as consequências dos indicadores econômicos ruins. A coordenadora do sistema de pesquisa de emprego e desemprego do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Lúcia Garcia, afirma que há uma redução na presença de jovens no mercado nacional porque as empresas oferecem mais espaço para profissionais maduros. Hoje, a população com menos de 24 anos enfrenta dificuldades por causa da pouca experiência. "As empresas afirmam que eles não têm habilidades e bagagem e eles ainda disputam o espaço no mercado com profissionais com mais conhecimento, na faixa dos 40 e 50 anos." A apenas dois meses da formatura no curso de Rádio e TV, Guilherme Moitinho, 21 anos, vive a dificuldade de procurar trabalho sem ter exercido nenhuma função na sua área. Nem estágio ele conseguiu, mesmo tentando vagas desde o começo do curso. "Neste ano fiz apenas uma entrevista, mas nem chamado eu fui", diz. No País, de acordo com a especialista, quase metade dos desempregados são jovens.

Esse fenômeno não é privilégio do Brasil. Em todo o mundo, os profissionais em início de carreira são considerados o segmento mais afetado pelas ondas de desemprego. A crise econômica que abalou o mundo em 2008 fez a taxa de desemprego entre jovens alcançar percentuais entre 40% e 50% em países como Portugal e Espanha. "No Brasil não é diferente, os jovens ganham pouco e têm menos oportunidades no mercado", afirma Lúcia Garcia, do Dieese. Influenciados por esse conjunto de fatores negativos, eles acabam escolhendo segmentos da economia com menos dificuldades. Segundo ela, muitos buscam o primeiro emprego no setor do comércio e depois não conseguem mudar de área em função da pouca experiência em outras atividades. É o caso de Juliana Thais Paes dos Santos, 20 anos, técnica em Turismo e Farmácia e atualmente estudante de Química numa escola profissionalizante. Depois de ser demitida do emprego de recepcionista em uma concessionária de veículos importados em São José dos Campos, no interior de São Paulo, em outubro de 2014, já mandou mais de uma centena de currículos, até para setores sem relação com sua formação. "Fiz umas 15 entrevistas, até emprego em caixa de loja já tentei", diz. "Estou procurando trabalho principalmente para pagar a faculdade de Engenharia Química que quero cursar."

Ainda que a crise econômica seja o desencadeador da falta de emprego, há outro ponto que deve ser levado em consideração quando o assunto é mercado de trabalho: a educação. Nesse quesito, o Brasil vive uma contradição. Embora o ensino superior tenha chegado à classe C e mais pessoas se qualifiquem em faculdades, cursos de extensão e técnicos, o mercado de trabalho apresenta condições ruins para absorver essa nova mão de obra especializada porque o sistema educacional não prepara o aluno para a vida profissional. Desde a formação básica, o ensino brasileiro é pautado no desempenho em provas, como vestibular. "Nosso sistema está falido em termos de formação profissional. Há mais preocupação com o vestibular do que com o mercado de trabalho", afirma Maurício Sampaio, fundador do Instituto MS de Coaching de Carreira. Para o especialista, a legislação educacional está fora do contexto e não percebe hoje o que o mercado vai exigir do profissional no futuro. "Essa geração tem muito potencial e poderia criar mudanças econômicas e sociais muito maiores do que já está fazendo", afirma Sampaio, que foi diretor de instituição de ensino por mais de 20 anos. "As escolas e universidades precisam discutir valores, competências socioemocionais, propósitos, identidades. E isso não acontece."



**Johann Constantino
Lima, 24 anos**

Formado em
engenharia ambiental
Em busca de emprego
há sete meses

Desemprego entre jovens em SP



Fonte: Dieese, média histórica de fevereiro para a região metropolitana de São Paulo para a população de 16 a 24 anos



Guilherme Moitinho, 21 anos
Formação em Rádio e TV
Em busca de emprego há um ano

Como enfrentar o problema

1

Medidas de incentivo para a criação de postos de trabalho formais, subsídio ao desenvolvimento de negócios e programas para aumentar a capacitação de jovens

2

Apoio a formalização de pequenas e médias empresas com baixa produtividade. Subsídios a empresas que permitam aos jovens conseguirem o primeiro emprego formal

3

Iniciativas para ampliar a proteção social a trabalhadores informais, como benefícios relacionados à segurança social em saúde e proteção à maternidade

Fonte: OIT / ONU



Para fugir do desemprego

O que jovens de diferentes faixas etárias podem fazer para se encaixar no mercado de trabalho brasileiro

AOS 16 ANOS, SE TORNE UM APRENDIZ

A Lei do Menor Aprendiz é uma obrigação a ser seguida pelas empresas e uma ótima oportunidade para quem quer começar a trabalhar. O jovem passa não só a ter seu próprio dinheiro como vai explorar sua vocação profissional

AOS 18, CONSIDERE UM CURSO TÉCNICO

Quem sai do Ensino Médio e não tem certeza sobre a carreira que quer seguir deve pensar num curso técnico. A estimativa é de que 90% das pessoas que optam por esse tipo de formação saiam empregadas

ENTROU NA UNIVERSIDADE? JÁ COMECE A PENSAR EM ESTÁGIO

Já no primeiro ano, é importante o estudante mapear as empresas que fazem estágios na área. Este é o primeiro passo para o jovem entrar no mercado de trabalho. As próprias companhias veem os universitários como estoque de mão-de-obra, alguém em que se investe para desenvolver um potencial e, depois, contratar

PLANO DE CARREIRA PARA OS RECÉM-FORMADOS

Quem está saindo da faculdade precisa estar certo do caminho que quer seguir. A dica é montar um planejamento de carreira, saber exatamente quais são seus talentos, pesquisar as empresas nas quais gostaria de trabalhar e para as quais tem o perfil adequado e estipular um prazo de tempo para cumprir esse plano

Fonte: Maurício Sampaio, fundador do Instituto MS de Coaching de Carreira



Juliana Thaís Paes dos Santos, 20 anos

Técnica em Turismo e Farmácia
Em busca de emprego há seis meses

Uma das consequências mais graves do crescimento da taxa de desemprego é o aumento da informalidade. Um estudo da OIT divulgado na quarta-feira 22 revelou que existem hoje pelo menos 27 milhões de jovens na América Latina que trabalham em condições informais. O relatório estimou que seis em cada dez postos de trabalho disponíveis para essa faixa etária são empregos com baixos salários, sem contratos, estabilidade, proteção social ou direitos trabalhistas. "Estamos diante de um desafio político importante, já que o elevado desemprego e informalidade configuram um quadro de desalento e falta de oportunidades que pode comprometer a trajetória futura dos jovens no mercado", afirma o especialista em emprego juvenil da OIT, Guillermo Dema.

O engenheiro ambiental Johann Constantino Lima, 24 anos, está desde janeiro de 2014 trabalhando sob condições informais. Formado pela Fundação Santo André, em São Paulo, ele fez estágios desde o segundo ano da faculdade. Chegou a atuar por um ano e meio no Instituto Geológico do Estado de São Paulo, mas desde setembro de 2014 presta trabalhos esporádicos. Lima afirma procurar emprego diariamente. Só neste ano, enviou mais de 40 currículos, até agora sem nenhum retorno sequer. "É ruim ficar na informalidade, sem convênio médico e sem ter como comprovar a experiência", diz ele. "Se a situação não melhorar até o final do ano, pretendo sair do País para trabalhar ou cursar um mestrado."

Diante de um cenário tão desanimador, a questão é como criar alternativas para resolver o problema. Segundo Ruy Braga, professor da Universidade de São Paulo (USP) especializado em Sociologia do Trabalho, seria preciso regular o mercado de trabalho e não flexibilizá-lo. "Porque cada vez que se flexibiliza também se desestimula a empresa a investir em ciência e tecnologia e em ganhos de produtividade." Por parte da iniciativa privada, algumas alternativas são criadas para detectar falhas e aproveitar a mão-de-obra disponível.

A empresa de consultoria estratégica McKinsey, presente em diferentes países do mundo, por exemplo, elaborou um programa chamado Generation, que detecta as necessidades dos empregadores, seleciona os jovens profissionais e monta cursos para ensinar habilidades e competências necessárias para determinadas vagas. "Estamos criando uma metodologia para possibilitar o ensino em grande escala", afirma Mona Mourshed, especialista em educação e líder em prática de ensino da McKinsey. Os cursos ensinam habilidades técnicas e comportamentais, como resolução de problemas e capacidade de comunicação para cada área. "Nosso objetivo é que em cinco anos possamos ajudar 1 milhão de jovens de cinco países a conseguir emprego", diz. Por aqui, o programa está em fase de implantação.

"As empresas precisam desenvolver iniciativas para que a juventude tenha total domínio sobre tecnologias e ferramentas básicas de informática", diz João Baptista Brandão, professor de liderança, gestão de pessoas e carreiras da Fundação Getúlio Vargas (FGV). "O governo, por sua vez, pode ajudar com programas de qualificação em parceria com instituições privadas."

Especialistas concordam que além da crise, com recessão econômica e corte de vagas, e das falhas no sistema educacional para formação de profissionais, atualmente as novas gerações não encontram o espaço adequado a seus anseios e habilidades nas empresas, que em muitos casos ainda têm uma mentalidade antiquada em relação ao papel do trabalho na vida das pessoas. "A geração atual prefere seguir o caminho contrário dos pais. Antes, era comum escolher um curso mais tradicional, como administração ou direito, ficar muito tempo na mesma empresa e ver o trabalho apenas como meio de ganhar dinheiro", afirma o coach Maurício Sampaio.

"Mas esses jovens procuram propósitos no ambiente profissional, querem se sentir parte de um grupo que busca resultados. Se não tiverem isso, vão ficar desmotivados." Em contrapartida, uma das críticas que se faz à atual juventude é que ela tende a pular etapas e por isso é difícil reter essa mão-de-obra. "A companhia perde eficiência e os jovens acabam sem aprender os processos", afirma Brandão, da FGV.

Para Eduardo Zylberstajn, professor de economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), a situação deve piorar antes de melhorar. "A dificuldade de entrar no mercado torna mais difícil o ganho de experiência e isso afeta principalmente os mais jovens.

Períodos de crise têm impactos de longo prazo na vida dos trabalhadores", diz. O sociólogo Ruy Braga vê a multidão de jovens desempregados e desiludidos com o desmoronamento de suas expectativas como um barril de pólvora para a política nacional. "Essa insatisfação tem um potencial explosivo muito grande. Os protestos que vimos na Espanha em 2011 e no Brasil em junho de 2013 provavelmente serão vistos de novo em um período bem próximo", afirma. Deixar de aproveitar essa nova mão de obra para o desenvolvimento do País pode ser algo altamente comprometedor.

"Se o desemprego continuar aumentando, teremos problema com a nossa juventude", diz Lúcia, do Dieese. "Na década de 1990, tivemos uma geração totalmente perdida em função da elevada taxa de desemprego e agora não podemos assistir o mercado se desestruturar novamente." Previsões mostram que a economia brasileira deverá começar a se reestruturar somente em 2017. Ainda não começamos a viver uma tragédia, atestam os especialistas, mas com o mercado estagnado, o futuro profissional da melhor geração do Brasil está em jogo.

CAMILA BRANDALISE, FABÍOLA PEREZ e RAUL MONTENEGRO são jornalistas e escrevem para esta publicação. **Revista ISTO É, Maio de 2015.**

Daniela do Lago - Ser líder não é para qualquer um (LUCAS VASQUES)

Especializada em coaching, Daniela do Lago acredita que o papel de um comandante empresarial é gerar estímulos para que todos tenham motivos para ação. No entanto, ressalta que o único responsável por agir e adotar uma postura adequada na direção de conquistar suas metas é a própria pessoa



O COACHING vem ganhando cada vez mais espaço no universo corporativo brasileiro e mundial. Apesar disso, ainda hoje, poucas pessoas sabem realmente o que é e como pode ajudar nas transformações pessoais e profissionais. Os Estados Unidos e o Canadá foram os pioneiros na utilização da técnica, ainda na década de 1950. No Brasil, o coaching surgiu nos anos 70, por meio de associações com o mundo esportivo. Em seguida, entrou na vida empresarial, mantendo seu significado original de "conduzir" a pessoa para um estágio mais avançado em seus vários aspectos da vida.

O intuito é desenvolver a capacidade de solucionar problemas e estabelecer metas, promovendo mudanças de comportamento e atitudes em função de um objetivo desejado. Há 13 anos atuando na área, com larga experiência profissional, Daniela do Lago é mestre em Administração, com foco em Comportamento Organizacional, além de possuir MBA em Marketing.

Sua trajetória profissional na área de gestão de pessoas, em diversas empresas, ajudou a encarar o desafio. Com formação internacional em Coaching e especialização para Liderança, atua como coach executivo e desenvolvimento de carreira. "O coaching executivo ajuda a pessoa a reorientar suas atitudes na empresa, para que estejam alinhadas aos seus talentos, preferências, objetivos, valores e missão de vida, visando um maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional, bem como a evolução de sua carreira. Trata-se de uma metodologia prática e objetiva, com fundamentação específica para apoiar as pessoas que querem descobrir suas metas e saber de que forma poderão alcançá-las, fazendo planejamento e criando ações na direção dos seus objetivos",

explica.

Daniela é autora do livro *Despertar Profissional*, lançado em 2014, pela Editora Integreare, onde busca oferecer aos leitores crônicas, críticas, provocações e reflexões da vida corporativa moderna, sempre com o intuito de fazer as pessoas crescerem, aprenderem e avançarem na carreira. Exerce sua atividade, também, como colunista fixa do UOL Empregos, portal de notícias da internet, abordando temas de comportamento corporativo. Ainda encontra tempo para oferecer dicas semanais sobre coaching e carreira no programa de rádio *Transnotícia*, veiculado pela internet.

Autora de diversos artigos acadêmicos, publicados em congressos e revistas no Brasil e exterior, teve seu projeto publicado no livro *Os Melhores Projetos de MBA*, de 2002, pela Fundação Getúlio Vargas. É professora dos cursos de MBA da FGV desde 2007, para as disciplinas Gestão de Pessoas, Comportamento Organizacional, Comunicação e Relacionamento Interpessoal. Ganhadora do prêmio Líder Empreendedor 2010, fornecido pelo Congresso de Recursos Humanos FONATE.

Apesar de hoje já serem bem difundidas, ainda há algumas dúvidas em relação às atividades do coach no mundo corporativo. Em linhas gerais, pode definir quais são essas atribuições?

Daniela: Coaching executivo é um processo de desenvolvimento pessoal e profissional, que promove mudança de comportamento e atitudes em função de um objetivo desejado. Trata-se de um processo de parceria e aprendizado que ajuda a pessoa a criar consciência para mudar e caminhar na direção daquilo que deseja, recebendo, a todo momento, o apoio do coach, para que se torne e seja o melhor que puder ser. Durante o processo, a pessoa descobre seu potencial, melhora sua performance. Daniela: Coaching executivo é um processo de desenvolvimento pessoal e profissional, que promove mudança de comportamento e atitudes em função de um objetivo desejado. Trata-se de um processo de parceria e aprendizado que ajuda a pessoa a criar consciência para mudar e caminhar na direção daquilo que deseja, recebendo, a todo momento, o apoio do coach, para que se torne e seja o melhor que puder ser. Durante o processo, a pessoa descobre seu potencial, melhora sua performance, amplia sua visão, foca no futuro e enxerga as diversas possibilidades existentes para alcançar tudo aquilo que deseja. O coaching executivo ajuda a pessoa a reorientar suas atitudes na empresa, para que estejam alinhadas aos seus talentos, preferências, objetivos, valores e missão de vida, visando um maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional, bem como a evolução de sua carreira. Trata-se de uma metodologia prática e objetiva, com fundamentação específica para apoiar as pessoas que querem descobrir suas metas e saber de que forma poderão alcançá-las, fazendo planejamento e criando ações na direção dos seus objetivos.



A primeira teoria na área foi a da liderança nata, em que o líder já tinha que nascer com algo especial. Isso foi derrubado, pois a liderança pode, sim, ser aprendida. O objetivo do líder é levar seus seguidores voluntários a alcançar seu objetivo, com menos esforço e rapidez

Suas palestras motivacionais apresentam temas como "Seja líder em sua vida", "O líder em mim", entre outros. Do ponto de vista psicológico, é possível criar um líder ou se trata de uma característica pessoal de personalidade, que já nasce com a pessoa?

Daniela: Nesse aspecto as coisas mudaram ao longo dos anos. A primeira teoria da liderança foi a da liderança nata, em que o líder já tinha que nascer com algo especial. Isso foi derrubado, pois a liderança pode, sim, ser aprendida. O objetivo do líder é levar seus seguidores voluntários a alcançar seu objetivo, com menos esforço e rapidez. Então, qualquer pessoa pode desenvolver tais habilidades.

Você já citou a seguinte frase: "Ninguém motiva ninguém. Motivação significa motivo para ação, vem de dentro e por isso é tão especial". No entanto, não seria papel do líder de uma corporação motivar sua equipe de trabalho?

Daniela: Sim, o papel do líder é gerar estímulos corretos para que a pessoa tenha motivos para a ação. No entanto, quem é o único responsável por agir é a própria pessoa. Um bom exemplo disso é quando temos uma pessoa em depressão. Por mais que seja nossa vontade fazê-la deixar essa condição, esse estado, o que podemos fazer é gerar estímulo correto para que ela escolha sair. O único responsável por sair daquele estado é a própria pessoa.

A propósito, o que é preciso fazer para motivar os colaboradores de uma empresa?

Daniela: Sempre trabalho esse aspecto nas minhas aulas. O primeiro passo é saber e entender que motivação está ligada à necessidade. Portanto, muda todo momento. Então, motivação não dura, por isso é recomendada todos os dias. Quando a pessoa alcança aquela necessidade, ou seja, aquilo que a motivava, obrigatoriamente, inicia outro motivo para buscar. Portanto, o que devemos fazer nas empresas é identificar, exatamente, o que motiva cada colaborador. Só assim o líder poderá se alinhar com os objetivos da empresa e gerar estímulos diferentes para cada um. O primeiro passo para descobrir o que motiva cada colaborador é ouvir. Ouça o que as pessoas falam. Sempre digo para ouvir nas entrelinhas e ouvir o que não foi dito. Nas minhas aulas eu aplico um teste que indica exatamente o que motiva a pessoa. Segundo minha prática, cerca de 50% da sala erra seu resultado, ou seja, pensava que a motivação era uma e no teste deu outro resultado.

Ouça o que as pessoas falam. Sempre digo para ouvir nas entrelinhas e ouvir o que não foi dito. Nas minhas aulas eu aplico um teste que indica, exatamente, o que motiva a pessoa. Segundo minha prática, cerca de 50% da sala erra seu resultado, ou seja, pensava que a motivação era uma e no teste deu outro resultado

É possível motivar um grupo ou, em função das especificidades e diferenças de perfil de cada um, o trabalho deve ser realizado de forma individual?

Daniela: As pessoas são diferentes. Portanto, os motivos também são diferentes. Engana-se o líder que quer fazer apenas uma ação para motivar o grupo inteiro. É muito comum percebermos um líder fazer uma única ação e esperar que todos os liderados se motivem. Isso é utopia. Ser líder dá muito trabalho e, por isso, não é para qualquer um.



Em que momento o coaching é necessário? É mais indicado para quem deseja melhorar dentro de sua função profissional, ou no caso de a pessoa querer mudar de cargo ou, mais ainda, mudar de carreira?

Daniela: Costumo dizer que o coaching é fundamental quando a pessoa está num momento de vida de "será que"... Será que devo mudar de emprego? Será que é hora de pedir aumento? Será que devo abrir negócio novo? Será que estou na empresa certa? Será que estou utilizando todo meu potencial? E por aí vai. Então, nesse caso de dúvida, com certeza o processo de coaching poderá ajudar. Aliás, esse auxílio é importante em qualquer situação de dúvida profissional.

Também pode ser útil para os jovens, que têm dúvidas em relação à escolha da carreira profissional?

Daniela: O coaching é destinado a todo e qualquer profissional que esteja almejando alcançar metas mais ousadas em sua carreira.

O que a pessoa pode alcançar com o atendimento do coach?

Daniela: Os benefícios são inúmeros, mas os principais são autoconhecimento e maior clareza em relação às metas.

Qual trabalho psicológico precisa ser desenvolvido pelo coach para impedir que problemas pessoais tirem o foco do profissional no seu dia a dia corporativo?

Daniela: Essa pergunta é bem complexa e não permite ser específica na resposta. Tudo vai depender da competência que estivermos trabalhando no processo, alinhada com o objetivo do cliente.

As pessoas são diferentes. Portanto, os motivos também são. Engana-se o líder que quer fazer apenas uma ação para motivar o grupo inteiro. É muito comum esse comportamento e a expectativa de que todos os liderados se motivem. Isso é utopia

É possível unir, de forma harmoniosa, o bom rendimento do profissional na empresa e o seu momento pessoal? Eles interagem?

Daniela: Sim, é possível. Aliás, esse é um grande desafio que trabalho com as pessoas. Unir seu momento interno com os objetivos que a empresa traçou. Mais uma vez, cada profissional deve estar desperto para suas habilidades e competências, o que deseja para sua própria vida e, a partir daí, buscar um trabalho que lhe proporcione isso. Geralmente, o que acontece é que as pessoas não sabem o que elas querem e aceitam qualquer trabalho. A consequência disso é a reclamação.

As empresas estão cada vez mais procurando os serviços do coach. Há como mensurar resultados e benefícios?

Daniela: Como disse, os benefícios são muitos. Vou citar alguns que todos podem obter de um processo de coaching: iniciativa de mudanças; direção e clareza em relação às metas; alcançar seus objetivos pessoais e profissionais; planejamento da carreira; mais energia, equilíbrio e satisfação entre vida pessoal e profissional; melhoria nas relações pessoais e profissionais; superar bloqueios, medos, ansiedade e as convicções limitantes; aprimoramento na habilidade de comunicação; aumento de sua performance profissional e maior satisfação no trabalho; ampliação da autoestima e da autoconfiança; mais energia e aumento da motivação; sucesso.

O coach enfatiza a descoberta das fraquezas ou das potencialidades da pessoa?

Daniela: Ambas. Mas é importante deixar claro que o foco sempre é no positivo e o que a pessoa precisa desenvolver para alcançar as metas desejadas.

O coach trabalha visando melhorar o rendimento profissional. A técnica também pode ser utilizada no outro principal aspecto da vida da pessoa, ou seja, o trabalho do coach pode ajudar na vida pessoal?

Daniela: Sim. Para isso temos o life coaching, que é coaching de vida, e o coaching executivo, que trata, especificamente, da vida profissional.

Aliás, como funciona a figura do coach de vida, que promete ajudar a pessoa a descobrir o que a faz feliz e se as atitudes dela estão contribuindo para essa meta? Como é essa atividade, seria como uma espécie de terapia psicológica?

Daniela: Não! Coaching não é terapia. O foco, sempre, é nas possibilidades futuras. O cliente tem uma meta e desenvolvemos a habilidade comportamental para que ele alcance o que deseja. Entretanto, vale lembrar que o processo de coaching é parceria. Requer dedicação de ambos para o sucesso do trabalho.

O que significa a roda da vida no coaching?

Daniela: Roda da vida é o primeiro exercício que aplicamos no cliente para identificar seu nível de satisfação nas seguintes áreas de nossa vida: espiritual, emocional, física, financeira, profissional, lazer, relacionamento íntimo, relacionamento familiar, intelectual, relacionamento social. Com base nas respostas, elaboramos um gráfico de pizza para identificar, nessa roda, quais são as áreas que precisam de mais atenção. A partir daí, traçamos um plano de ação.



O que são treinamentos comportamentais, seus benefícios e objetivos?

Daniela: São treinamentos com temáticas voltadas à forma pela qual as pessoas interagem na empresa. Posso citar um exemplo: trabalho em equipe, comunicação, liderança, *feedback*, administração de conflitos etc. Se analisarmos bem, todos esses aspectos são fundamentais para o crescimento de qualquer profissional, pois somos contratados segundo nossas habilidades técnicas, e demitidos segundo a falta das habilidades comportamentais. Essas, sim, são especiais, pois não podem ser terceirizadas. Requer que cada profissional escolha mudar internamente e agir de maneira diferente.

Cada profissional deve estar desperto para suas habilidades e competências, o que deseja para sua própria vida e, a partir daí, buscar um trabalho que lhe proporcione isso. Geralmente, o que acontece é que as pessoas não sabem o que querem e aceitam qualquer trabalho. A consequência disso é a reclamação

Você não acha que a atividade do coach pode ser confundida com o que é chamado, de forma pejorativa, de autoajuda?

Daniela: Sim. Entretanto, coaching não é Psicoterapia, cujo foco é ajudar o indivíduo a alcançar um maior equilíbrio psicológico, buscando no passado explicações para os "porquês". Não é *mentoring*, cuja relação entre mentor e cliente é de inspiração e exemplo, na qual o mentor, por meio de sua experiência, oferece modelos a serem seguidos. Não é aconselhamento de carreira, cujo objetivo é orientar os profissionais de acordo com proo mercado onde estão inseridos. O processo de coaching se dá por intermédio de 10 a 12 reuniões individuais, semanais ou quinzenais, que ocorrem por telefone, Skype ou de forma presencial, e duram cerca de 60 minutos.

Quais as principais dificuldades encontradas pelo coach? Há preconceito e resistência do próprio executivo em relação a esse trabalho?

Daniela: Nunca sofri preconceito. Tenho convicção de que, como todo e qualquer mercado, sé se perpetua quem tem excelência em sua atuação. É isso que busco nesses 13 anos de carreira na área.

LUCAS VASQUES é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista PSIQUÊ, Maio de 2015.**

Devemos liberar as armas? Sim (DENIS ROSENFELD)



DEVEMOS LIBERAR AS ARMAS?



SIM

"O direito à autodefesa é pilar de uma sociedade livre e democrática. No Brasil, os bandidos continuam a ter acesso livre às armas de fogo e o cidadão fica à mercê dos criminosos"

O **DEBATE** sobre o desarmamento no Brasil é fortemente contaminado por seus defensores, que mais trabalham com rótulos e desqualificação de seus adversários do que com a verdade e princípios. Eles têm como objetivo passar a mensagem de que estão certos, por mais que transgridam valores e manipulem as estatísticas a seu bel-prazer. Já na própria colocação do problema, os parlamentares que defendem a liberdade de escolha e o direito à autodefesa são tidos por representantes da "bancada da bala".

A perversão é total. Note-se que a liberdade de escolha e o direito à autodefesa são pilares de uma sociedade livre e democrática. Não se trata de nenhum direito de matar, mas do direito de conservação da própria vida. Os que advogam pelo desarmamento dos cidadãos almejam que o cidadão fique completamente desguarnecido diante de criminosos que invadem suas residências. Os cidadãos não escolhem seus representantes para que estes suprimam sua liberdade de escolha. Posso perfeitamente pretender não ter nenhuma arma, mas isso não significa que o meu direito deva ser abolido. A situação é tanto mais esdrúxula porque nada é feito no que diz respeito ao verdadeiro combate à criminalidade. Os bandidos continuam a ter livre acesso às armas de fogo.

O mercado negro os supre muito bem. Por uma absurda inversão, o problema passa a ser dos cidadãos, os que pagam impostos e deveriam ser protegidos contra qualquer violência. O Estado não consegue coibir a violência, seu dever primeiro, e nega a seus membros que o façam, negando-lhes qualquer direito a respeito. O cidadão fica à mercê dos criminosos. Pior ainda, os criminosos são ainda tratados com a máxima consideração pelos

ditos representantes dos direitos humanos, enquanto suas vítimas são relegadas ao esquecimento.

Ademais, há um problema metodológico ao se usarem os dados sobre mortes por armas de fogo como argumento a favor do desarmamento. Ignora-se o binômio justiça/injustiça. Os dados de homicídios por armas de fogo obviamente incluem os casos em que as armas foram usadas pelas forças policiais contra a criminalidade e os casos em que os indivíduos usufruíram o direito à legítima defesa. Foi o que ocorreu com a senhora Odete Prá, aquela senhora de 87 anos que, em 2012, matou a tiros um bandido que invadiu seu apartamento com uma faca.

Ao salvar sua vida, a senhora contribuiu para engrossar as estatísticas de mortes por armas de fogo. Caso fosse assassinada pelo bandido, haveria uma morte a menos com armas de fogo e um "irrelevante" homicídio com arma branca. O absurdo resta evidente. O caso demonstra que a ideologia do desarmamento ignora e chega mesmo a inverter a **relação** vítima/criminoso. Toma-se a injustiça pela justiça. Consequentemente, impõe-se uma interpretação falaciosa sobre segurança pública. Desse modo, o direito à legítima defesa é suplantado pelo dogma.

Há premissas comuns ao debate em torno das armas tendo os Estados Unidos como mote: 1) americanos são patriotas, cultuam suas Forças Armadas e o próprio poderio militar; 2) americanos banalizam a violência; 3) americanos idolatram as armas; 4) americanos compram fuzis em padarias; 5) americanos estão armados "até os dentes". As premissas, embora reducionistas, são verdadeiras. No entanto, não se verifica nos Estados Unidos aquilo que é apregoado pelos desarmamentistas como consequência: violência epidêmica, convulsão social, níveis alarmantes de mortes por armas de fogo.

Existem 270 milhões de armas de fogo em mãos civis nos Estados Unidos. A relação é de 83 a 96 armas para cada 100 habitantes, ou seja, quase uma arma para cada cidadão. Os dados são do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) e da Small Arms Survey (*projeto de pesquisa da Graduate Institute of International and Development Studies*). Esse número astronômico coloca os Estados Unidos na primeira posição em posse de armas de fogo no mundo.

O Brasil tem 15 milhões de armas de fogo. Em cada 100 habitantes, apenas oito possuem armas de fogo. Nos Estados Unidos, em 2013, houve pouco mais de 11 mil mortes por armas de fogo. No Brasil, em 2010, houve mais de 36 mil mortes por armas de fogo. Nos Estados Unidos, com quase 20 vezes mais armas do que o Brasil, 58% dos homicídios ocorrem por armas de fogo. No Brasil, segundo dados da UNODC, de 2008, esse índice chega a 70%. A Suíça, por sua vez, é um dos

países em que a população civil está mais armada no mundo. O número chega próximo ao dos Estados Unidos. Mesmo assim, em 2013, houve apenas 18 homicídios com armas de fogo naquele país. Armas não aumentam os homicídios!

No Brasil, dados da Polícia Federal e do Ministério da Justiça apontam que os Estados do Acre, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina e Mato Grosso respondem por 33% das armas registradas na Polícia Federal. No entanto, os cinco Estados mais armados do país têm apenas 9% dos homicídios, segundo o Mapa da Violência de 2011. Já nos cinco Estados com menor número de armas legais, segundo os registros da Polícia Federal, os números são inversos. Pernambuco, Bahia, Ceará, Sergipe e Maranhão detêm 6% das armas legais e com registros ativos na Polícia Federal, mas respondem por 26% do total de mortes registradas em 2008. Estados com maiores índices de violência são os que têm menor número de pessoas com porte de armas autorizado pela Polícia Federal. O Amapá, quinto Estado mais violento segundo o Mapa da Violência de 2012, tem dois portes autorizados. Alagoas, o campeão da violência, tem 49. Já o Rio Grande do Sul tem o maior número de porte de armas, 1.060, e é o quinto Estado menos violento.

A manipulação é evidente! A título de curiosidade. Mortes acidentais com armas de fogo, para pessoas maiores de 12 anos, foram, segundo o Ministério da Saúde, 1.045 em 2012. Mortes por afogamento foram 4.224 no mesmo ano. Se a lógica dos desarmamentistas fosse seguida, o país deveria proibir que as pessoas tomassem banhos de mar e de rios!

DENIS ROSENFELD é professor de filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicou os livros: *Descartes e as peripécias da razão* (1996) e *Justiça, democracia e capitalismo* (2010), entre outros (Ilustração: Espaço Ilusório). **Revista ÉPOCA**, Abril de 2015.

Devemos liberar as armas? Não (JOSÉ MARIANO BELTRAME)



DEVEMOS LIBERAR AS ARMAS?



"Voltar a armar a sociedade é um fator de risco para o aumento das mortes violentas no país. O uso de armas deve ser restrito às forças policiais"

HÁ OITO anos à frente da Secretaria de Estado de Segurança do Rio de Janeiro, sou categórico em afirmar: o Estatuto do Desarmamento é um instrumento importantíssimo na proteção da vida, bem maior do ser humano. Escrevo esta defesa como uma opinião técnica de um delegado da Polícia Federal amparado pela experiência no Rio de Janeiro, onde há uma cultura das armas. As apreensões em números cada vez maiores realizadas pelas nossas polícias estão aí para ratificar a necessidade do Estatuto do Desarmamento. De acordo com o Instituto de Segurança Pública, apenas no primeiro trimestre deste ano, foram apreendidas no Rio 2.441 armas, entre fuzis, revólveres, pistolas, espingardas, escopetas, rifles, carabinas e metralhadoras.

O acesso fácil às armas ilegais nos causa inúmeras tragédias. Não poderia deixar de lembrar o massacre de Realengo, no qual uma pessoa portadora de sérias perturbações mentais executou 12 crianças com um revólver calibre 38. A arma foi adquirida em uma transação ilegal, que envolveu o assassino, um vigia desempregado e um chaveiro.

O Rio de Janeiro apoia o Estatuto do Desarmamento. A prova disso foram as várias campanhas feitas para entregas voluntárias de armas de fogo e munições. É muito claro: armas devem ser usadas por quem tem habilitação para isso, que são as forças policiais, e sempre no estrito cumprimento do dever. A sociedade civil precisa entender que ter uma arma em casa não apenas fornece uma falsa sensação de segurança, como, não raro, pode acabar parando nas mãos de alguém que, não habilitado para seu uso, acaba cometendo um crime. Inclusive contra o dono dessa arma.

No Rio, também já prendemos quase 1.000 milicianos desde o início da atual gestão. Muitas vezes, a gênese desses grupos paramilitares está em alguém armado – não necessariamente um agente público – oferecendo **uma** ilusória segurança privada a um grupo de pessoas e termina com cobranças de taxas, abusos e execuções. Por conta desses grupos, a única alteração no Estatuto do Desarmamento que defendo é no sentido de restringir ainda mais o acesso dos servidores públicos às armas. Por isso, considero importante retirar o porte de arma do Corpo de Bombeiros.

A nossa convicção de que o uso de armas de fogo deve ser cada vez mais restrito é tamanha que determinamos, em 2012, a retirada dos fuzis de alguns batalhões da Polícia Militar na Zona Sul. Inicialmente, isso gerou um desconforto nos

policiais que, ainda com o DNA da cultura de guerra, se sentiam “nus” ao sair às ruas sem portar essas armas de alto poder de letalidade, capazes de destruir “alvos” a quilômetros de distância.

Com o passar do tempo, no entanto, ficou evidente que a decisão foi acertada. Após o processo de pacificação, na região do 19º Batalhão da PM, responsável pelo policiamento do famoso e populoso bairro de Copacabana, houve 14 disparos de fogo em 2009, três em 2011 e nenhum em 2012. O mesmo relatório da Polícia Militar apontou uma diminuição considerável de disparos de armas de fogo, no mesmo período, nos batalhões de Botafogo, também na Zona Sul da cidade, e de Olaria e da Tijuca, ambos na Zona Norte. Para não citar apenas dados da “cidade do asfalto”, o Complexo do Alemão registrou, em 2010, antes da pacificação, 23.335 disparos feitos por armas da PM. O número caiu drasticamente em 2012 – foram 2.395 tiros. Mesmo diante do atual quadro de resistência de criminosos em algumas comunidades, posso dizer que não houve retrocesso aos antigos números.

No Rio de Janeiro, buscamos uma cultura de paz e a redução da taxa de homicídios. Isso não quer dizer que os outros índices de criminalidade também não devam ser reduzidos. Mas o crime contra a vida é o mais grave. Já tivemos alguns êxitos. Na cidade, o índice de homicídios caiu de um patamar de 36 por 100 mil habitantes em 2007, para 19 por 100 mil habitantes em 2014. Nas áreas pacificadas do Rio de Janeiro, conseguimos reduzir a letalidade violenta de 61 mortes para cada grupo de 100 mil habitantes em 2007, para 11 mortes por 100 mil habitantes em 2014.

Infelizmente, em outros municípios do nosso Estado, a situação não é a mesma. Uma das regiões que mais sofrem com o fácil acesso às armas e a banalização do ato de matar é a Baixada Fluminense. Em algumas cidades dessa região, não apenas disputas territoriais de traficantes, mas rixas futebolísticas, traições amorosas, discussões banais de bar são motivos para sacar uma arma e atirar. Na Secretaria de Segurança, estamos fazendo esforços para diminuir o *deficit* histórico de policiais e até de batalhões na região. Em setembro do ano passado, enviamos 400 policiais para a Baixada. Neste mês, municípios da grande região metropolitana do Rio receberam outros 500.

A manutenção do Estatuto do Desarmamento, nos moldes como foi criado por lei em 2003, é fator fundamental para que não tenhamos um aumento da taxa de homicídios. Voltar a armar a sociedade civil é um fator de risco para aumentar as mortes violentas no país. Entre outras colaborações, o Estatuto do Desarmamento, ao elevar a idade mínima para 25 anos de idade para aquisição de armas, contribui para dificultar a compra e venda de armas no segmento que mais morre e mais mata em todo o país: os jovens.

Lembro aqui que a Organização das Nações Unidas (ONU) referenda o entendimento de que o Estatuto do Desarmamento teve forte impacto na redução da violência armada no Brasil. Assim como a Política de Pacificação e o Programa de Polícia Pacificadora se tornaram Política de Estado no Rio de Janeiro, é importante que o Estatuto de Desarmamento continue a ser Política de Estado no país e compromisso presente na agenda de toda a sociedade.

JOSÉ MARIANO BELTRAME é secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro (Foto: Ilustração: Espaço Ilusório). **Revista ÉPOCA, Abril de 2015.**

Um longo e difícil caminho (MARGARIDA GENEVOIS, MÁRCIA JAIME E MARCO ANTÔNIO RODRIGUES BARBOSA)

DURANTE a ditadura militar, atuamos como membros da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, ao lado de d. Paulo Evaristo Arns, na luta pela promoção e defesa dos direitos humanos.

Foram anos de terríveis violações dos direitos individuais: aqueles que se opunham ao regime militar corriam o risco de ser presos, torturados, mortos ou de desaparecer. Diversas vezes o singelo abraço ajudava a confortar pais, mães, filhos e avós que nos procuravam desesperados em busca de seus entes queridos, em geral, jovens que lutavam por justiça e liberdade.

É com espanto e preocupação que voltamos a ouvir vozes, ainda que poucas, mas não menos preocupantes, pedindo a volta do regime militar. Igualmente preocupante e espantoso é testemunhar o convívio harmonioso dessas mesmas vozes com outras que tomam as ruas, a pretexto da defesa da democracia e da luta contra a corrupção, com a conivência da grande imprensa.

Os movimentos que têm convocado essas manifestações, ainda pouco conhecidos e reconhecidos, não delineiam com clareza os verdadeiros objetivos de suas demandas. Sob o escudo da defesa de valores éticos ou da luta contra a corrupção, admite-se o vale-tudo - inclusive o retorno dos militares. A liberdade de expressão, duramente conquistada pela sociedade brasileira, é um direito e como tal tem limites. Escusado ressaltar que transigir com valores, princípios e garantias fundamentais, além de temerário, constitui verdadeira afronta ao regime democrático.

Foi um longo e difícil caminho, mas nossa democracia política é uma realidade nos dias atuais. O totalitarismo não é remédio para os males da nossa sociedade, como o assalto aos cofres públicos, a crueldade praticada por delinquentes, as polícias despreparadas e as milícias. Ao contrário, o totalitarismo só faz agravar esses males. Salta aos olhos que o Brasil de hoje é muito melhor que o dos tempos da ditadura. Em 1970, 63% das crianças entre 7 a 14 anos frequentavam a escola. Em 2010, era de 98% o índice de brasileiros matriculados nessa mesma faixa etária. Segundo o Instituto de Estudos do Trabalho e da Sociedade, os índices de desigualdade no Brasil cresceram de forma contínua a partir de 1960, com piora

durante os anos da ditadura militar. A tendência de queda desses índices começa nos anos 1990. A PNAD de 2014 aponta para a continuidade na redução da desigualdade.

Vivemos hoje num mundo ideal? A resposta é, evidentemente, não. O efetivo respeito aos direitos humanos individuais e coletivos ainda não foi conquistado. O Brasil é o segundo país do mundo em crimes contra adolescentes, só atrás da Nigéria. Sete jovens de 15 a 19 anos são mortos a cada duas horas - 30 mil por ano, 77% deles são negros.

Ao mesmo tempo em que festejamos e concordamos com as manifestações populares, ressaltamos que não se pode esquecer o aperfeiçoamento democrático, sempre com a necessária responsabilidade política, que impõe escolhas éticas, exige reflexão, capacidade de discernimento e julgamento. É preciso ter consciência de que a banalização do mal é característica de cultura órfã de pensamento crítico, de juízo ético e responsável.

MARGARIDA GENEVOIS, 92, socióloga, ex-presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. **MÁRCIA JAIME**, 70, advogada, ex-vice-presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. **MARCO ANTÔNIO RODRIGUES BARBOSA**, 67, advogado, ex-presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

Os limpinhos estão chegando (LUIZ FELIPE PONDÉ)

O MUNDO contemporâneo é um parque temático de egos. Com a melhoria das condições materiais de vida, as pessoas ficaram cada vez mais bobas. Quando uma universidade dá a bênção, então, ninguém segura o desfile de bobagens. Basta alguém escrever uma tese qualquer que o tema vira "científico".

Agora é a vez da "afetividade múltipla sem baixaria", conhecida como "poliamor" (mais uma modinha de comportamento típica de gente bem de vida), abençoada pela Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, e a indústria dos colóquios. Só quem não é do ramo ainda leva as ciências humanas 100% a sério. E, pelo jeito, nem a biologia vai resistir à fúria da vontade humana de que tudo seja do jeito que queremos: você sabia que nem a biologia sabe mais o que é uma mulher? Coitadinha da biologia... A humanidade sempre teve problemas com o afeto. Aliás, daí o nome: "afeto", descendente do latino "affectio", análogo ao grego "pathos". Todos significando afeto, paixão, doença (afecção cardíaca) desordem, sofrimento. Temos medo da desordem que eles nos causam, porém, ao mesmo tempo, sem vínculos afetivos somos um zero a esquerda na vida. Uma das coisas que o narcisismo (grande epidemia contemporânea) destrói é a capacidade de termos afetos verdadeiros com o mundo.

Pra ter afeto verdadeiro se faz necessária a energia pra investir no mundo, coisa difícil no mundo de narciso em que vivemos. Uma saída típica do narcisista é dizer que não padece de afetos tristes, só "sente" os afetos legais porque os tristes são coisa de gente insegura e eles são super bem resolvidos. Os poliamoristas só tem afetos construtivos, ou seja, de plástico. Mostre-me uma pessoa que não tem ciúmes e te mostro um covarde. Mas, no parque temático em que vivemos, em que o Pateta é um gênio, a covardia assume ares de "evolução nos comportamentos".

A psicologia evolucionista (o darwinismo e não o oba-oba de pessoas que "superaram os afetos tristes"), --que muitos detestam porque se sentem tolhidos nos seus delírios de poder por conta dos limites que o darwinismo coloca na farra da "construção social de tudo" (hoje você é samambaia, amanhã girassol, basta "querer" e ninguém te "oprimir")-- se refere a um dos centros da vida moral como "emotional bonds" (laços emocionais).

Sem eles, não ascendemos à vida moral porque não sofremos com nada. John Stuart Mill, utilitarista no início do século 19, também falava de "moral affection". Antes dele, Adam Smith, no século 18, falava de "moral sentiments". Não é tão difícil deixar de sofrer na vida, pelo menos em parte. Basta não ligar pra ninguém e dar ares de publicidade dessas que juntam criança, parque, bike e banco pro seu "foda-se". Tudo bem ligar o "foda-se", mas essa moçada quer ligá-lo e posar de "limpinha". O poliamor é o "Admirável Mundo Novo", do Aldous Huxley, transformado em game.

É claro que muita gente sempre gostou de "amar" muitos ao mesmo tempo. E que outras tantas inventaram relacionamentos abertos. Os hippies, esses coitados que erraram porque não entenderam que a função deles era apenas criar um estilo de calça jeans, também tentaram criar suas formas de amor anti-sistema. Em meio a isso, muitas mulheres apanharam, muitos se decepcionaram, muitos filhos se ferraram por serem vítimas da "experimentação nos afetos" de seus pais muito loucos. Mas, pelo que andei ouvindo por aí, os poliamoristas estão distante dessa cambada de coitados ciumentos que os precederam na crítica da vida monogâmica. Os novos defensores da vida "não monogâmica" (a moçadinha recusa o termo "poligamia", engraçado, né? Já digo o que penso disso) acham que estão adiante dessa cambada de ancestrais porque, além de serem "ciúmesfree", vivem o amor múltiplo sem incorrer no "pecado" da promiscuidade (por isso a recusa do termo "poligamia").

E então fica ainda mais clara a farsa: o ódio a promiscuidade sempre foi signo de nojo pelo que há de sombrio no ser humano. O poliamor é mais uma modinha pra gente mimadinha que quer transar limpinho por aí dizendo que tá tudo bem, viu?

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

ROSELY SAYÃO

Aprender sem pressa (ROSELY SAYÃO)

POR QUE crianças com menos de seis anos não devem ser matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental? Essa é a pergunta de muitos pais que consideram seus filhos maduros e prontos para enfrentar o ensino das letras e dos números do modo formal que nossas escolas ensinam, usem elas este ou aquele método de ensino e de alfabetização. Vale a pena refletir sobre essa questão, já que a ansiedade dos pais tem apressado a entrada de crianças nessa importante etapa da vida escolar, que durará pelo menos uns nove anos, seguidos de mais três anos de ensino médio.

Nossa sociedade foi bombardeada com informações apontando caminhos para um futuro exitoso e uma carreira bem-sucedida de quem ainda está na infância. Quanto mais cedo a criança começar a aprender, melhor serão suas chances de sucesso, afirmam, de maneira geral, esses estudos. E isso resultou numa corrida das famílias em busca da melhor formação para os filhos. Reforço escolar, alfabetização precoce, cursos das mais variadas disciplinas e atividades etc. passaram a fazer parte de uma agenda carregada das crianças, já a partir de três anos, quando não menos.

As escolas, atentas ao movimento da comunidade, responderam à altura: trouxeram para a educação infantil o modelo de funcionamento do ensino fundamental. Dessa maneira, crianças de três, quatro anos passaram a usar carteiras em sala de aula, a ter professores especialistas (?) e a brincar livremente apenas no horário do recreio. Já na década de 1990 vimos crianças viverem essa correria rumo ao sucesso, com seus pais sempre metidos nessa necessidade louca de forçar o filho a ser um bom --de preferência o melhor-- estudante.

Mas parece que todo esse esforço não deu muito certo, pelos resultados que observamos. As universidades passaram a receber jovens cada vez mais infantilizados, que relutam em finalizar seus estudos na graduação, e os pais, a enfrentar, ainda no decorrer do ensino fundamental, a falta de vontade dos filhos de se comprometer minimamente com os estudos.

Foi então que novos estudos passaram a ser difundidos, apontando a necessidade de a criança ter mais liberdade para ser criança e, de fato, viver a infância na hora certa. Foi por esse motivo que surgiu, nos Estados Unidos e na Inglaterra, um movimento chamado "slow parenting", que no Brasil ficou conhecido como "pais sem pressa" e movimento de desaceleração da infância, que prega menores demandas dos pais aos filhos, para que eles tenham tempo para brincar e para o ócio, questões fundamentais para uma vivência infantil tranquila e produtiva.

Voltemos, então, à pergunta inicial: por que crianças de cinco anos não devem ser matriculadas no ensino fundamental? Porque não precisa, porque não é bom para elas. Simples assim. E também porque, por mais que o MEC tenha elaborado documentos orientando as escolas a se adaptar para receber crianças de seis anos no primeiro ano, a maioria simplesmente transformou essa série em mais uma do fundamental, seguindo o mesmo tipo de funcionamento dos anos posteriores, sem nenhuma adaptação ao tempo ou ao momento das crianças.

A criança de cinco anos, e até mesmo a de quatro, pode se alfabetizar por interesse próprio e aprender muito mais, com o apoio dos professores da educação infantil, que, aliás, têm a mesma formação dos professores dos anos iniciais do fundamental. E ela pode fazer isso brincando, sem ter de fazer lições e participar de aulas expositivas.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

Sozinhos ou solitários? (CONTARDO CALLIGARIS)

"**COUNSELING Today**" (o aconselhamento hoje) é a revista da American Counseling Association, que é a associação dos psicoterapeutas dos Estados Unidos. A cada mês, a matéria de capa trata de uma inquietude que, em tese, está na ordem do dia para pacientes e profissionais. Na edição de janeiro de 2015, foi "Confronting Client Loneliness" (enfrentando a solidão do paciente) - a imagem de capa era um idoso sozinho, de costas, num parque outonal deserto.

Mundo afora, um número crescente de pessoas (idosas e não) mora sozinho. No Brasil, a porcentagem dos domicílios habitados por apenas um morador está próxima dos 15%, segundo o IBGE. Na Inglaterra, é 29%, apenas atrás da dos lares de duas pessoas, que é 35%. Essa informação é quase sempre veiculada como sinal de alguma decadência urbana ou de uma espécie de patologia contemporânea. Os anos 1960 promoveram a vida em sociedade e a paixão política como valores; o próprio casal parecia ser um modelo social fechado e mesquinho; era melhor fazer tudo em grupo: desde criar os filhos até redigir trabalhos de conclusão de curso.

Logo em 1959, uma psicanalista, Frieda Fromm-Reichmann, publicou um artigo que se tornou clássico, "Loneliness" (Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes, vol. 22). Ela admitia que é possível ser solitário sem sequer se sentir sozinho, mas o que ficou a partir de então é que a solidão estaria na origem de todo tipo de sofrimento e de transtorno mental. Trinta anos mais tarde, já se constatava (ou se acreditava?) que a solidão encurtaria a vida do solitário. Uma meta-análise do que se pesquisou e se escreveu nessa direção foi publicada em 2010, em PLOS/Medicine (<http://migre.me/pEuqY>).

O ponto de partida do texto é que cada vez mais pessoas vivem sozinhas: acabou (ou quase) a família extensa e se tornou banal mudar de cidade ou de país etc. Enfim, é normal que a gente esteja e se sinta sozinho, mas resta saber se essa sensação é ruim para a saúde. Uma leitura sistemática de 148 pesquisas publicadas mostra que a falta de relações sociais fortes é um fator de mortalidade parecido com o fumo ou o álcool e maior que a inatividade física e a obesidade.

Claro, os pesquisadores sabem que não é simples definir a solidão. Também sabem que muitos fumam, bebem, comem e ficam deitados vendo TV justamente porque estão sozinhos - o que faz que seja complicado descobrir qual é o verdadeiro fator de risco. De qualquer forma, para os autores, fica estabelecido que a solidão encurta a vida. Nos últimos 15 anos, apareceu uma nova questão: será que o uso da internet é uma causa ou um efeito da solidão que ameaçaria nossas vidas? (Veja, por exemplo, <http://migre.me/pExmw>.)

Ao longo dessas décadas tão propensas a idealizar a convivência social, houve a voz discordante de Anthony Storr, outro psicanalista, que, em 1988, publicou "Solidão, a Conexão com o Eu" (ed. Benvira, R\$ 39,90, 384 págs.), lembrando que, para alguns, ficar sozinho pode ser um jeito de se curar - não adoecer. Enfim, entre Fromm-Reichmann e Storr, uma pergunta: a solidão é um transtorno de nossa sociabilidade supostamente "natural" (como pensavam os gregos)? Ou, então, nossa sociabilidade apenas manifestaria outro transtorno, que é o medo de ficarmos sozinhos conosco?

É nesse contexto que chega o novo livro de Sara Maitland, "Como Ficar Sozinho" (ed. Objetiva, R\$ 26,90, 132 págs.). É um dos textos de "The School of Life", a série dirigida por Alain de Botton, que tenta renovar a autoajuda. Maitland, além de dar conselhos para tentar viver sozinho (que é a preferência dela), mostra que a sociabilidade e a solidão são ideais que coexistem em nossa cultura. A ideia de que a vida plena tenha que ser social é antiga, clássica, greco-romana. A ideia de que a vida plena seja a vida interior é cristã e moderna: a religião para nós é diálogo com Deus antes de ser celebração pública, a justiça e a moral são questões que resolvemos no foro íntimo, e não no fórum.

Nosso lazer é com amigos ou sozinhos? Muitos diriam que viajar ou sair à noite seria muito mais interessante se eles estivessem completamente sozinhos, mas a amizade, o amor ou o medo são mais fortes do que o desejo de aventura. O que é mais "moral", deixar os outros entrarem na nossa vida ou cultivar apenas nosso jardim, sem sermos distraídos por eles? Quem está mais perto da verdade (seja lá o que ela for), o monge ou o militante político?

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2015.**

Reclama pro bispo (DRAUZIO VARELLA)

OS BRASILEIROS não param de engordar. Estão acima do peso 51% dos adultos (eram 43% em 2006). São classificados como obesos 17,5% (eram 11% em 2006). O futuro não parece promissor: um terço das crianças de 5 a 9 anos têm excesso de peso.

A seguirmos nessa toada, daqui a pouco empataremos com os norte-americanos. Lá, três em cada quatro adultos carregam sobrepeso. Mais de 30% da população caem na faixa da obesidade. Enquanto as medidas para conter a epidemia no Brasil têm sido tímidas, faz tempo que os Estados Unidos declararam guerra às cadeias de "fast food", aos alimentos processados, às gôndolas dos supermercados, aos refrigerantes, às cantinas escolares, às porções gigantescas dos restaurantes.

Também às tecnologias que mantêm crianças e adultos sentados o dia inteiro: TV, videogames, internet, computadores. Guerra perdida. Projeções estimam que, em 2030, cerca de 50% dos cidadãos daquele país cairão na faixa de obesidade, isto é, terão índice de massa corpórea (IMC = peso/altura x altura) acima de 30. Teoricamente, o problema da obesidade pode ser resumido numa equação singela: quem ingere mais calorias do que gasta, ganha peso; quem faz o oposto, emagrece.

Seria ridículo negar que a agitação e as comodidades da vida moderna, a publicidade, a disponibilidade e o baixo custo de alimentos altamente calóricos conspiram a favor da disseminação da epidemia, mas jogar em fatores ambientais a culpa pela gordura que você acumulou no abdômen não vai ajudá-lo a evitar as complicações da obesidade. O McDonald's, as padarias, os fabricantes de doces, chocolates, refrigerantes, cervejas e sucos adoçados são comerciantes interessados no lucro, como os demais. Atrás dele, vendem o que os fregueses gostam, mas não têm o poder de empurrar calorias goela abaixo dos transeuntes. As pessoas é que entram em seus estabelecimentos e escolhem suas mercadorias.

No dia em que todos tivermos poder aquisitivo e a consciência de que dietas ricas em vegetais, com quantidades moderadas de carboidratos e gorduras são mais saudáveis e agirmos de acordo com essa convicção, eles mudarão seus produtos ou cairão fora do mercado. A responsabilidade não é só deles, é nossa. Assumi-la é o primeiro passo para enfrentar a obesidade. A única exceção é a das crianças, que ainda não amadureceram o suficiente para resistir à tentação dos comerciais de TV e das ofertas das cantinas escolares, e muito menos à orgia de balas, bombons e biscoitos recheados que guardamos no armário de casa.

Há carros que fazem 20 quilômetros com um litro de gasolina, enquanto outros não chegam a dez. Da mesma forma, existem organismos que consomem muita energia para manter as funções vitais (circulação, respiração, digestão, atividade cerebral, etc.); e outros que são mais econômicos, capazes de executá-las com menor gasto energético. Os últimos engordam só de pensar no bolo de chocolate; os primeiros podem comer à vontade, são os "magros de ruim" (se os gordinhos pudessem, esganariam todos). É justo? Lógico que não, a natureza é injusta e impiedosa.

Se você vive revoltado com seu metabolismo, vai fazer o quê? Reclamar pro bispo? Xingar a mãe dos que te conceberam? O corpo humano é uma máquina construída para o movimento. Se você precisa ou faz questão de passar o

dia sentado, a liberdade à mesa fica comprometida. Se no seu dia não sobra um minuto para fazer exercício, você está vivendo errado, está deixando de levar em consideração seu bem mais precioso: o corpo.

Enquanto não dá um jeito nessa vida miserável, aumente a atividade física no local em que estiver: suba escada, fale ao telefone dando volta na mesa, alongue os caminhos a pé, abaixe e levante o tempo inteiro, não ande a passos de lesma. No começo vão achar que você perdeu o juízo, mas o povo se acostuma.

Sejamos claros: a medicina não sabe tratar obesidade. Descontados os conselhos dietéticos ou as cirurgias bariátricas indicadas para os casos extremos, quase nada temos a oferecer. Se os médicos não dispõem da pílula mágica, a responsabilidade com o peso e a sobrevivência é individual. É cada um por si e Deus por ninguém, porque gula é um dos pecados capitais.

DRAUZIO VARELLA é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2015.**

Quando os jovens dão uma aula - JUVENTUDES REBELDES DA ÁFRICA – SENEGAL (JACQUES DENIS)

Três anos depois de ter contribuído consideravelmente para a derrota do presidente Abdoulaye Wade nas eleições presidenciais de 2012, o movimento Y en a Marre (Yeam) [algo como “Já deu” ou “De saco cheio”] procura escrever seu futuro fora das lógicas partidárias e mais perto da realidade concreta



UNIVERSIDADE Cheikh-Anta-Diop, de Dakar, sexta-feira, 13 de fevereiro, 16 horas. Todo mundo é convidado a rezar, depois a cantar o hino nacional do Senegal. É o ritual de toda conferência organizada pelo movimento Y en a Marre (Yeam). Sob uma tenda branca, estudantes e professores discutem as manifestações que agitam o imenso câmpus desde a morte, em agosto de 2014, do jovem Abdou Bassirou Faye durante um confronto com a polícia. Os jovens pedem o pagamento de suas bolsas e a melhoria das condições de estudo. Fogueiras, desfiles, provocações, repressão... Violência demais. “É preciso conseguir mudar os métodos de ação!”, insiste Babacar Mbaye Diop, professor de Filosofia. Esse homem de cerca de 30 anos, que participou dos movimentos estudantis dos anos 2000, figura entre os membros da mesa. Antes de passar às questões do público, numeroso, os cinco rappers do grupo de hip-hop Campus 2H pegam os microfones: “Vamos falar da situação, mas do nosso jeito...”. E se ouvem os sons que dão ritmo a suas *punchlines*.¹ Suas camisetas estampam o logo do movimento.

Fundamentalmente não violento e surgido dos meios hip-hop, o Yeam se destacou durante as eleições presidenciais de 2012 ao incitar a juventude das periferias da capital senegalesa a ir às urnas para “pesar na votação”. Em uma declaração de intenção, o movimento chamava então ao surgimento de um “novo tipo senegalês”, base de uma “república de cidadãos”.

O Yeam nasceu nos dias que se seguiram à derrubada do presidente tunisiano Zine al-Abidine ben Ali, em 15 de janeiro de 2011. “Um sinal de que tudo era possível”, conta Fadel Barro, 36 anos, um dos fundadores. Em 23 de junho de 2011, o movimento obteve, depois de diversos dias de manifestação, a retirada do projeto de revisão constitucional proposto pelo presidente Adoulaye Wade e considerado pela população uma manobra destinada a promover seu filho Karim. “A ação não visava o aumento dos preços, mas lutava pela liberdade. Quando o mundo soa vazio, é preciso bater nele para fazê-lo ressoar. Foi o que o Yeam fez: acordou nosso pensamento, aguçou nossa tomada de consciência”, resume Soro Diop, um jornalista próximo ao movimento, que participa da conferência.

Barro veste com vontade o mesmo gorro que Amílcar Cabral, o herói da independência do vizinho Cabo Verde e figura importante do pan-africanismo. O chapéu, de tecelagem tradicional, tornou-se símbolo da coragem e do engajamento revolucionário. “Assim que conseguia conquistar um pequeno espaço, Cabral introduzia ali uma farmácia e uma escola. Para nós, é um exemplo! Mas, atenção, não somos marxistas nem liberais. Buscamos simplesmente valores. A esquerda fracassou na África porque estava desconectada do mundo concreto.”

Entre os princípios fundadores do Yeam figura até mesmo a recusa de qualquer participação no jogo político. Aos que estimam que o movimento seria em razão disso pouco legível, Barro responde que ele trabalha em profundidade. “Alguns têm raiva de nós por não termos ido para os negócios, outros estimam que nosso lugar eterno é na rua. Acho que há um tempo para desconstruir e para reconstruir. Nas próximas eleições não vamos integrar um dos blocos políticos. Vamos traçar nossa linha e tentar integrar aqueles que se parecem conosco. Teorizamos o tipo de deputado que desejamos: aquele que não responde às ordens do seu partido, mas às exigências do povo. Somos óvnis na paisagem: não nos identificam nem com as estruturas clássicas da sociedade civil nem com os partidos políticos.”

Nesse clima social tenso, o processo por corrupção de Karim Wade foi manchete dos jornais. O filho do antigo presidente foi acusado de ter desviado para seu benefício uma parte das somas destinadas ao encontro da Organização da Conferência Islâmica, realizada em 2008 em Dakar. No entanto, o novo chefe de Estado, Macky Sall, ainda não mudou as coisas em profundidade. Na sede do Yeam – o antigo apartamento de Barro, no bairro Parcelles Assainies, periferia 16, longe do centro da cidade –, os militantes permanecem circunspectos. “O movimento era mais contra o ‘Velho’ do que a favor do seu rival”, resume Pidi Nef, um dos rappers do grupo Fuk’n’Kuk, que faz parte do movimento. Na parede estão penduradas fotos das manifestações de 2011, da intervenção durante as inundações que atingiram os bairros do norte da capital em 2012, do encontro com Barack Obama durante sua visita ao Senegal, em junho de 2013;

Malal Almamy Talla, conhecido pelo apelido de Louco Doente, aderiu rapidamente à “causa nobre” do Yeam. Ele é o diretor artístico. Para o rapper, que trabalha desde os anos 1990 com o grupo Bat’Haillons Blind-D, “não se pode deixar o terreno apenas para os políticos. Eles não são a maioria. Cabe a nós ter uma massa crítica para que possamos pressionar”. Trata-se de sensibilizar as populações para os mecanismos de decisão, e também de mudar o cotidiano, em particular nos “bairros esquecidos”. Estima-se que existam cerca de quatrocentos núcleos locais do Yeam. “Encontrar respostas alternativas” e “implicar as pessoas na busca pelo bem comum” figuram entre os eixos de trabalho do G Hip-Hop, centro cultural estabelecido em Guediawaye, periferia superpopulosa e com má reputação da capital, onde os militantes se encontram. A juventude encontrou um slogan para si: “Nos recusamos a ser um fardo, somos um meio”. Isso faz sentido: 60% dos desempregados têm entre 15 e 34 anos.²

Diante do velho estádio municipal, os militantes limpam “sem a ajuda de ninguém” um antigo depósito de lixo e, contando com alguns apoios, construíram um palco a céu aberto, um estúdio de gravação de alguns metros quadrados e um bar onde o Yeam deseja desenvolver oficinas de cozinha... Eles também começaram a instalar lixeiras (muito raras no Senegal), fabricadas com pneus recuperados, nas ruas da vizinhança. “Colocamos em ação observatórios da boa governança nas catorze regiões do país, para criar mecanismos de controle. A ideia é reconectar os cidadãos à coisa política.” Louco Doente também trabalha na reinserção de antigos jovens detentos.

Há mais de vinte anos o hip-hop senegalês fala dos excluídos do sistema de clãs que domina o país, do disco *Présidents d’Afrique*, do cantor Didier Awadi, ao *L’Opinion publique*, do grupo Keur Gui, cujo líder, Thiat, é um dos fundadores do Yeam. “Hoje, um Macky Sall teme mais o movimento hip-hop do que os outros partidos políticos. A mudança deve vir de baixo”, afirma o rapper Matador.

O Yeam pesa na vida política senegalesa e fez escola na sub-região, com jovens da Costa do Marfim e do Togo – onde o movimento Etiamé (Y en a Marre, em fon)³ está crescendo –, além de Les Sofas de la République, no Mali, Y en a Marre Comme Ça [De saco cheio assim], no Gabão, e Touche pas à Ma Nationalité [Não toque na minha nacionalidade], na Mauritània. Sem esquecer o movimento Le Balai Citoyen [A vassoura cidadã], que expulsou do poder o presidente de Burkina Faso, Blaise Compaoré, em outubro de 2014.

JACQUES DENIS é jornalista e escreve para esta publicação. Ilustração: Alves. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE, Maio de 2015.**